

Adriana de Fátima Alexandrino Lima Barbosa (Org.)

Carla Cristina Campos Brasil Guimarães (Org.)

Lilian Barros Gomes (Org.)

**Vivências da Residência Pedagógica - Português
- 2018-2020**

Brasília

UnB – Departamento de Teoria Literária e Literaturas

V857 Vivências da residência pedagógica [recurso eletrônico] : português : 2018-2020 / Adriana de Fátima Alexandrino Lima Barbosa, Carla Cristina Campos Brasil Guimarães, Lilian Barros Gomes (Org.). - Brasília : Universidade de Brasília, Departamento de Teoria Literária e Literaturas, 2022.
82 p. : il.

Inclui bibliografia.

Modo de acesso: World Wide Web.

ISBN 978-65-89350-06-4.

1. Língua portuguesa - Estudo e ensino (Estágio).
2. Literatura - Estudo e ensino (Estágio).
3. Professores - Formação. I. Barbosa, Adriana de Fátima Alexandrino Lima (org.). II. Guimarães, Carla Cristina Campos Brasil (org.). III. Gomes, Lilian Barros (org.).

CDU 378:82

Licença de uso da obra

Atribuição-NãoComercial-SemDerivações (BY-NC-ND)

Revisão gramatical e ortográfica:

Carla Cristina Campos Brasil Guimarães e Lilian Barros Gomes

Autores

Ana Paula Gonçalves de Oliveira

Davi Ramos da Silva

Caroline Iltchenco Zanetti

Ian Lezan Salvador

Cássia Almeida Dourado

Jussara Silva Meireles

Matheus Bacelar dos Santos

Normalização

Carla Cristina Campos Brasil Guimarães

Graziela Barros Gomes

Lilian Barros Gomes

Design gráfico, diagramação e capa

Obra organizada por: Adriana de Fátima Alexandrino Lima Barbosa, Carla Cristina Campos Brasil Guimarães e Lilian Barros Gomes.

Sumário

Prefácio.....	5
----------------------	----------

Adriana de Fátima Alexandrino Lima Barbosa, Carla Cristina Campos Brasil Guimarães e Lilian Barros Gomes.

Para além do ensino de língua portuguesa: sobre algumas vivências na residência pedagógica.....	9
--	----------

Caroline Iltchenco Zanetti

Formação docente, concepções pedagógicas e políticas: perspectiva do programa de residência pedagógica de língua portuguesa.....	20
---	-----------

Ian Lezan Salvador

Revivência: uma nova perspectiva a respeito do ensino e aprendizagem.....	35
--	-----------

Matheus Bacelar dos Santos

Diário de bordo: um relato de experiência	44
--	-----------

Cássia Almeida Dourado

Observação e vivência: uma retrospectiva intimista da residência pedagógica	56
--	-----------

Jussara Silva Meireles

Iniciação à trilha que é tornar-se professora	64
--	-----------

Ana Paula Gonçalves de Oliveira

Relato sobre o programa de residência pedagógica: os desafios para se promover uma educação inclusiva e de qualidade	71
---	-----------

Davi Ramos da Silva

Para além do ensino de língua portuguesa: sobre algumas vivências na residência pedagógica

Caroline Iltchenco Zanetti¹

Minha trajetória na residência pedagógica teve início no Centro Educacional Gisno, sendo residente da professora Tatiana, que dava aulas de Redação e Língua Portuguesa. Quando foi anunciado que eu iria para lá, eu não tinha ideia de como seria e de tudo o que me esperava. Tudo o que eu sabia é que minha colega de curso e amiga, Amanda, estaria comigo, sendo residente com a mesma professora preceptora.

Nossas idas à escola tiveram início em setembro de 2018. Na primeira semana, eu e a Amanda assistimos às aulas da professora Tatiana em turmas de primeiro e segundo ano. A professora trabalhava tanto com turmas de PD (Parte Diversificada), dando aulas de redação, quanto com turmas de Língua Portuguesa como disciplina obrigatória, ensinando Literatura e Gramática.

Em duas turmas de PD, a professora havia passado uma atividade, em aulas anteriores, que consistia em escrever um parágrafo descritivo sobre um personagem, uma pessoa famosa, um objeto ou um lugar. Essa atividade visava trabalhar com os alunos a tipologia textual descritiva e também a estrutura de um parágrafo. Os alunos então leram a descrição que haviam feito para os colegas, para que eles tentassem adivinhar sobre quem (ou o que) a descrição se tratava. A atividade foi interessante para perceber não só como estava a desenvoltura textual dos alunos, como também para captar um pouco dos seus posicionamentos políticos, já que as

¹ Graduada em Letras – Língua Portuguesa e respectiva literatura pela Universidade de Brasília- UnB; carolinezanetti.unb@gmail.com.

suas escolhas e a subjetividade contida nas suas descrições, principalmente nas descrições de políticos atuais e governantes históricos, revelaram um pouco sobre suas opiniões pessoais.

Nessa atividade, pude observar como a professora lidava com alguns posicionamentos polêmicos dos alunos, dando abertura para que eles se expressassem, mas trazendo algumas reflexões para que eles pudessem ver as coisas sob um novo ponto de vista.

Na semana seguinte, acompanhei turmas de segundo e terceiro ano. Em uma turma de segundo ano, a professora forneceu tópicos frasais para que os alunos pudessem desenvolver parágrafos a partir deles. Nessa turma, eu pude auxiliar a professora Tatiana na correção dos textos produzidos pelos estudantes. Foi interessante ver como eles estavam se saindo na produção textual e participar das aulas de forma mais ativa, já que, até então, eu apenas observava a atuação da professora.

Nessas duas primeiras semanas, reparei que o Gisno era uma escola que apresentava alguns problemas de infraestrutura, além de problemas na relação entre coordenação e professores. Com relação à infraestrutura, a escola não tinha Wi-Fi e a professora tinha dificuldade em passar filmes e conteúdos audiovisuais para os alunos por falta dos equipamentos necessários na escola.

Entretanto, a relação dos alunos com os professores era, quase sempre, boa. A própria professora Tatiana era bastante respeitada e os estudantes, em geral, se interessavam pela aula dela. Outro ponto que observei foi o fato de os estudantes não possuírem um hábito de estudo e dificilmente realizarem atividades passadas para fazer em casa, como a leitura de um livro, por exemplo.

A partir disso, percebi que a residência no Gisno seria desafiadora. Havia a necessidade de desenvolver atividades para incentivar os alunos a ler mais e a criar um hábito de estudo, porém, seria preciso lidar com todas as adversidades encontradas no ambiente escolar e fora dele (falta de infraestrutura, problemas nas relações interpessoais dentro da escola, problemas pessoais dos alunos etc.). Apesar disso, nós residentes estávamos dispostos a dar o nosso melhor para gerar algum impacto positivo na escola e na vida dos estudantes.

No segundo mês de residência no Giso, eu e a Amanda presenciamos a professora Tatiana lembrando os alunos das inscrições no PAS. O fato de a professora ter lembrado os alunos das inscrições do PAS nos fez refletir se não seria interessante fazer uma atividade com eles falando sobre o PAS e as outras formas de ingresso na Universidade de Brasília.

Assim, na semana seguinte, resolvemos colocar em prática o que chamamos de “Projeto PAS”. Na terça-feira, enquanto os alunos passavam a limpo redações e conversavam com a professora sobre as notas, eu, Amanda e outro residente, o Diogo, aproveitamos para discutir, na sala de coordenação, sobre como seria a atividade. Planejamos uma dinâmica em que pudéssemos trazer para os estudantes as seguintes informações: as diferentes formas de ingresso na UnB; as diferenças entre as provas do PAS, do ENEM e do vestibular tradicional; os auxílios e as possibilidades de estágio e pesquisa dentro da Universidade de Brasília; programas como o Ciências sem Fronteiras; a possibilidade de mudança de curso dentro da universidade; além das grades curriculares dos cursos de maior interesse dos alunos. Um outro residente, o Nathan, via WhatsApp, nos deu a ideia de fazermos uma roda de conversa com os alunos, para quebrar um pouco a hierarquia, o caráter de aula tradicional, e deixar também os alunos se comunicarem com a gente, tirarem suas dúvidas e falarem sobre os seus interesses e suas perspectivas.

Na semana que se seguiu, realizamos a dinâmica sobre o PAS com os alunos. Nesse dia, compareceram cinco residentes para a realização da atividade. Em todas as turmas que entramos, fizemos a roda de conversa para falar sobre as questões que havíamos combinado. Falamos sobre os diversos pontos de maneira bem livre, relatando inclusive nossas experiências pessoais. Os alunos demonstraram muito interesse no que estava sendo dito. Muitos não tinham conhecimento sobre diversos assuntos: as diferenças entre as provas, as formas de ingresso, a possibilidade de mudança de curso dentro da UnB, os auxílios que são dados na UnB para os estudantes etc. Assim, a atividade foi bastante produtiva em todas as turmas. Os alunos tiraram dúvidas, falaram sobre os seus interesses e seus anseios.

Infelizmente, não houve tempo para mostrar, em aula, as grades curriculares dos cursos, como havíamos planejado, a fim de auxiliar aqueles que ainda estavam em dúvida sobre qual curso fazer. A Amanda resolveu então pegar o contato dos representantes de turma para enviar

o material que havíamos preparado sobre os cursos para eles. Assim, os estudantes poderiam ter acesso ao material e tirar as dúvidas que não foram sanadas em sala através do WhatsApp.

A residência teve continuidade no Gisno até o final do mês de novembro de 2018. Nesse último mês na escola, trabalhamos principalmente com a estrutura do texto dissertativo-argumentativo. Nós, residentes, tivemos a oportunidade de auxiliar os alunos com as redações, fazendo o papel de mentores. Isso foi extremamente importante para que pudéssemos nos familiarizar com a docência em um momento inicial, ao ensinar os alunos individualmente.

Essas primeiras intervenções em sala de aula – o Projeto PAS e a mentoria na escrita das redações – serviram para “quebrar o gelo”, pois nos aproximamos mais dos alunos e pudemos conhecê-los melhor, o que diminuiu a nossa timidez e aumentou a confiança dos alunos em nosso trabalho.

Dessa forma, esses três meses em que estive no Gisno foram, para mim, de muito aprendizado. Pude, a partir dessa experiência, ter um novo olhar sobre a profissão de professor e sobre o ensino público.

O que mais me marcou foi a forma como a professora Tatiana lidou com os alunos e com o ambiente no qual ela trabalhava. Apesar de todas as dificuldades – falta de infraestrutura, problemas entre a coordenação e os professores, problemas entre coordenação e alunos, entre pais e professores etc. – a professora soube isolar os problemas externos e concentrar-se em proporcionar aos alunos uma boa aula, focando no aprendizado dos estudantes.

Como em toda a escola, a professora também enfrentou problemas com alunos que não se dedicavam ou atrapalhavam a aula, mas isso não a desmotivou. A Parte Diversificada prosseguiu normalmente, as discussões sobre os textos literários em Língua Portuguesa também prosseguiram e as ideias que nós residentes dávamos eram sempre muito bem recebidas pela professora.

Isso nos motivou e nos mostrou que a educação ainda tem um poder transformador, principalmente quando víamos que, em meio a um ambiente problemático, alguns estudantes

empenhados esforçavam-se e destacavam-se nos estudos, e que muitos, ao ouvir um conselho da professora ou nosso (em nossa dinâmica sobre o PAS), repensavam sua forma de encarar a vida e abriam a mente para a possibilidade de entrar em uma universidade. Tudo isso foi muito inspirador e gratificante para nós, residentes e futuros professores.

A nossa ideia de desenvolver atividades para incentivar os alunos a ler e a criar um hábito de estudo, contudo, não foi colocada em prática. A professora Tatiana mudou-se para outra escola no ano de 2019, o que fez com que nós não conseguíssemos desenvolver todas as ideias pensadas para o Centro Educacional Gisno, já que ficamos lá só por alguns meses.

No fim das contas, tivemos o Gisno como um grande aprendizado e como um exemplo de como algumas escolas podem ser difíceis de se trabalhar, exigindo muito “jogo de cintura” por parte do professor. Nesse aspecto, a professora Tatiana foi um exemplo muito positivo, persistindo em sua missão como profissional da educação apesar das adversidades.

Assim, tivemos uma grande mudança de cenário no ano de 2019, quando fomos, juntamente com a professora Tatiana, para o Centro Educacional do Lago (CEL). Lá, a situação era completamente diferente. A escola tinha bastante infraestrutura, a coordenação era organizada e o colégio recebia bastante investimento por parte do governo, já que havia um projeto da Secretaria de Educação, o “Educa DF”, que visava transformar o Centro Educacional do Lago em uma escola bilíngue.

A dinâmica do CEL era muito interessante. Os alunos tinham aula em período integral, sendo que, na parte da tarde, eles faziam oficinas que eles mesmos haviam escolhido, existindo a possibilidade de fazer oficina de redação, de educação financeira, de investigação científica bilíngue, entre outras.

A professora Tatiana trabalhava no contraturno, dando uma oficina de redação. Isso foi ótimo para nós residentes, pois a oficina fazia parte da chamada “parte flexível” do currículo escolar. As disciplinas da parte flexível, diferentemente das disciplinas obrigatórias, não possuem conteúdos mínimos fixados pela Base Nacional Comum Curricular, o que possibilitou

que nós residentes pudéssemos realizar um número maior de intervenções nas aulas e que pudéssemos adaptar os conteúdos propostos pela professora conforme o nosso interesse.

Dessa forma, quando a professora começou a trabalhar com os alunos o gênero textual carta, eu pedi permissão a ela para dar uma aula sobre Carta Argumentativa, ensinando aos alunos, entre outras coisas, os vocativos que deveriam ser utilizados em cartas dirigidas a autoridades.

Essa aula sobre Carta Argumentativa foi dada em dois momentos, para diferentes turmas da oficina. No primeiro momento em que a aula foi dada, estavam em alta dois principais assuntos: o projeto de lei que restringia o Passe Livre Estudantil e o grande número de ataques sofridos por terreiros de umbanda e candomblé devido à intolerância religiosa. Assim, trouxe esses temas aos alunos para que eles pudessem escolher entre escrever uma carta ao Governador Ibaneis ou ao Papa Francisco.

Na carta ao governador, era esperado que os alunos criticassem o projeto de lei e solicitassem que ele não fosse aprovado ou ainda que demonstrassem apoio à sua aprovação. Já na carta ao Papa Francisco, era esperado que os alunos pedissem a ele que se posicionasse contra os ataques aos terreiros de umbanda e candomblé, já que o papa é um grande ativista político e defende o respeito a todas as religiões.

Já no segundo momento em que essa aula foi dada, o assunto do momento eram os casos de desmatamento e queimadas ilegais na Amazônia. Assim, solicitei aos alunos que escrevessem uma carta ao Presidente Jair Messias Bolsonaro, criticando as suas atitudes frente a essa situação ou demonstrando apoio às suas ações.

Com essas aulas sobre carta argumentativa, eu esperava que os alunos, além de aprender a se comunicar através desse gênero textual, pudessem pensar e se posicionar criticamente frente a alguns temas de caráter político e social. Para ajudá-los a ter mais embasamento em suas argumentações, eu trouxe, para cada tema, diversos dados e informações relevantes. Assim, eles puderam, através das informações trazidas e debatidas em sala de aula, refletir e adotar um posicionamento crítico.

O resultado dessas aulas e da atividade solicitada, a escrita da carta a uma autoridade, foi muito positivo. Vários alunos trouxeram argumentações excelentes em suas cartas, conseguindo posicionar-se criticamente com base em dados e fontes confiáveis.

Assim, posso dizer que minha primeira experiência dando aula a uma turma de muitos alunos foi muito positiva e gratificante! Foi muito bom ver que os alunos estavam interessados na aula e que se empolgaram com os debates realizados em sala e com a escrita da carta.

A segunda aula planejada por mim para as turmas da oficina de redação foi uma aula sobre os usos da vírgula. A escolha desse conteúdo se deu pelo fato de muitos alunos afirmarem, em sala de aula, que saber quando usar a vírgula era uma das grandes dificuldades que eles tinham na hora de escrever.

Assim, eu, juntamente com um colega residente, o Diogo, elaboramos a aula sobre os usos da vírgula. Nessa aula, pudemos experimentar um método de ensino de gramática da professora Eloisa Pilati, da Universidade de Brasília.² Esse método tem como base a teoria gerativa e consiste em ensinar gramática para os alunos de uma forma mais intuitiva.

Desse modo, em vez de passarmos um monte de regras sobre os usos da vírgula para os alunos decorarem, nós lhes ensinamos que a vírgula deve ser utilizada quando há o deslocamento de algum sintagma dentro da oração. Não utilizamos o termo “sintagma” na explicação, mas explicamos que existe uma ordem direta da oração e que os termos não são separados por vírgula quando se encontram posicionados nessa ordem. A ordem inversa, por sua vez, faz com que os termos “deslocados” sejam isolados por vírgula.

Nesse método de ensino de gramática, além da explicação que leva em consideração algumas concepções gerativistas sobre a linguagem, há o uso de jogos e atividades que tornam a apreensão do conteúdo ainda mais natural. Desse modo, a atividade utilizada foi a chamada

² Método exposto em seu minicurso “Gramática gerativa e produção de material didático” oferecido no I Simpósio Internacional letramentos: identidades leitoras latino-americanas, em Brasília, em novembro de 2018.

“Dinâmica das Plaquinhas”. Nessa dinâmica, são utilizadas algumas placas que contêm termos da oração – sujeito, verbo, objeto, adjunto adverbial – de uma frase qualquer, além de duas plaquinhas que contêm vírgulas.

A atividade consiste em colocar os termos da oração na ordem direta e perguntar aos alunos se há alguma vírgula na frase. Diante da resposta negativa, uma plaquinha é deslocada, representando o deslocamento de um termo da oração (sintagma), então é perguntado novamente aos alunos se há alguma vírgula na frase. Quando os alunos compreendem bem o conteúdo, a tendência é que eles saibam que as vírgulas isolam o termo deslocado e respondam corretamente. Quando ainda há uma dificuldade dos alunos em perceber isso, alguns poucos deslocamentos com as plaquinhas já são suficientes para que eles percebam como devem ser utilizadas as vírgulas.

Essa aula sobre os usos da vírgula, acompanhada dessa dinâmica, foi muito bem recebida pelos alunos! Eles demonstraram empolgação ao responder as perguntas iniciais que eu fiz a eles pedindo que tentassem descobrir em quais frases a vírgula estava incorreta. Quando mostrei a eles em quais frases o emprego da vírgula estava errado, muitos se surpreenderam e demonstraram interesse em entender o porquê. Durante a explicação, percebi que eles estavam atentos e, durante a dinâmica das plaquinhas, os alunos participaram ativamente. Alguns inclusive nos auxiliaram na dinâmica segurando as plaquinhas e realizando os deslocamentos.

Por isso, essa aula foi extremamente importante para mim, pois pude testar um método aprendido no ambiente acadêmico e ver que o resultado da aplicação desse método em sala de aula foi bastante positivo!

Por fim, a terceira aula planejada por mim para a oficina de redação foi uma aula sobre pronomes demonstrativos, já que, segundo os alunos, a dificuldade em saber quando usar o “esse” ou o “este” também os atrapalhava na hora de escrever uma redação.

Nessa aula, pude ensiná-los as três formas de utilizar os pronomes demonstrativos: como localizadores espaciais e temporais; como pronomes anafóricos e catafóricos; e como

localizadores intratextuais. Essa aula também foi bastante produtiva e terminou com a resolução de questões do PAS e do vestibular da UnB.

Com isso, posso afirmar que a minha experiência na residência pedagógica foi bastante completa: eu observei as aulas da professora Tatiana, auxiliei os estudantes na escrita de suas redações, realizei intervenções juntamente com meus colegas residentes, dei algumas aulas, testei um método de ensino de gramática aprendido na universidade e troquei experiências com meus colegas nas diversas reuniões que tivemos. Além disso, pude vivenciar problemas do nosso sistema educacional e vencer minha timidez frente a uma sala de aula.

Por isso, acredito que a residência tenha sido de extrema importância para a minha formação enquanto profissional da educação. As vivências que eu tive no projeto transformaram as minhas práticas pedagógicas, a minha didática e o meu olhar sobre a escola pública.

É importante ressaltar também que a residência proporcionou a nós residentes algo que tenho visto pouco nas universidades: a transferência dos conhecimentos adquiridos no ensino superior para as práticas pedagógicas no ensino básico. Assim, nas áreas de gramática e redação, isso significou fazer com que a aprendizagem de gramática se tornasse algo leve e intuitivo para os alunos, já que, segundo a teoria gerativa da linguagem, eles já possuem um conhecimento interno da estrutura gramatical da sua língua materna, que constitui a sua competência linguística (KENNEDY, 2013), e só precisam criar consciência disso.

Durante a minha atuação nas escolas, percebi que tanto as escolas quanto a secretaria de educação e a UnB viabilizaram a realização das atividades da Residência Pedagógica. Os coordenadores do CEL, na oportunidade que tive de conversar com eles, tiraram todas as minhas dúvidas sobre a escola; a CAPES disponibilizou bolsa para todos os residentes, inclusive os que antes eram voluntários, o que contribuiu muito para que os residentes permanecessem no projeto até o fim; e a UnB possibilitou que a residência equivalesse ao estágio obrigatório, o que facilitou muito a vida de todos os residentes.

Com relação às dificuldades que nós residentes enfrentamos nas escolas, vale destacar principalmente as vivenciadas no período em que estivemos no Gisno, relacionadas sobretudo a problemas de infraestrutura e a problemas nas relações interpessoais dentro da escola. Havia também o fato de que os estudantes não possuíam um hábito de estudo e dificilmente realizavam atividades passadas para fazer em casa, como a leitura de um livro, o que dificultava o aprofundamento dos textos literários nas aulas de literatura. Porém, isso não fazia com que a professora Tatiana desistisse de fazer os alunos aprenderem e, pelo contrário, fazia com que ela buscasse outras alternativas, como a leitura em conjunto em sala de aula.

Outro problema, que inclusive inspirou o nosso “Projeto PAS”, foi o fato de a escola dar pouca ênfase à importância do PAS, do ENEM e da universidade pública, de modo que muitos alunos não queriam se inscrever no PAS e uma boa parte deles nem tinha a perspectiva de cursar uma faculdade ao terminar o ensino médio.

Com relação ao Centro Educacional do Lago, um problema que nós percebemos foi o cansaço dos alunos devido ao sistema da escola integral, já que os alunos tinham aulas pela manhã e pela tarde quase todos os dias. Muitos deles se queixavam do tempo curto para estudar e fazer os trabalhos, mas, ainda assim, havia muitos alunos realmente interessados em aprender e as turmas, em geral, eram muito acolhedoras.

Por fim, um problema que foi percebido tanto no CEL quanto no Paulo Freire (onde estavam os residentes de outros preceptores) foi a diferença de tratamento de alguns alunos para com os residentes homens e para com as residentes mulheres. Houve alguns casos em que nós, residentes mulheres, fomos desrespeitadas pelos alunos, que não nos levavam a sério da mesma forma que faziam com os nossos colegas homens. Isso nos mostrou que há um problema de machismo que perpetua todos os espaços e que precisa ser trabalhado dentro das escolas, para que isso não ganhe força no decorrer do desenvolvimento dos adolescentes.

Tendo tudo isso em vista, percebo que as experiências que tive nessa residência foram de grande valor para o meu crescimento pessoal e profissional. Espero que o projeto continue para que outros estudantes das licenciaturas possam ter essa oportunidade de atuar nas escolas públicas e perceber o ensino básico a partir de um novo prisma.

Referências

KENNEDY, E. **Curso Básico de Linguística Gerativa**. São Paulo: Contexto, 2013.